



---

**DESASSOSSEGO POÉTICO NO TEMPO DA EXISTÊNCIA:  
DOIS POETAS EM DANÇA**

\*\*\*

**POETIC DISQUIET IN THE TIME OF EXISTENCE: TWO  
POETS IN DANCE**

Adriane Figueira Batista<sup>1</sup>

**Recebimento do texto:** 20/02/2017

**Data de aceite:** 15/04/2017

**RESUMO:** Na necessidade em abrir caminhos para a “nova” poesia feita em língua portuguesa, essa proposta pretende colaborar com a reflexão em torno do presente como único tempo possível, moldável e intermitente em que a poética encontra lugar cativo para reinar, já que a vida (suplemento da poesia) se desenrola nessa vasta e interminável cadeia de acontecimentos. Nok Nogueira e Cláudia R. Sampaio, dois nomes de distintas nacionalidades e linguagens, debruçam-se em questões comuns ao humano, ao existencial. Derramam em seus espaços de criação todo um desassossego poético, lírico e dançam a dança das sibilas, iluminando caminhos e inaugurando possibilidades. O tempo da existência que desagua em um profundo e tumultuoso mar de ausências e silêncios.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia; Nok Nogueira; Cláudia R. Sampaio; Desassossego; Tempo da existência.

**ABSTRACT:** In the need to open paths for the "new" poetry made in Portuguese language, this proposal aims to collaborate with reflection around the present as the only possible time, moldable and intermittent in which the Poetics finds captive place to reign, as life (supplement of poetry) unfolds in this vast and endless chain of events. Nok Nogueira and Cláudia R. Sampaio, two names of distinct nationalities and languages, focus on issues common to the human, to existential. They shed in their spaces of creating a poetic disquiet, lyrical and dance the dance of the Sibyls, illuminating paths and inaugurating possibilities. The time of existence that flows into a deep and tumultuous sea of absences and silences.

**KEYWORDS:** Poetry; Nok Nogueira; Cláudia R. Sampaio; Disquiet; Time of existence.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH-USP, e-mail: [adrianefigueira@usp.br](mailto:adrianefigueira@usp.br)





## Preambulações

*estou deitado sobre a minha ausência,  
como poderia estar deitado se existisse.  
amanhã as ondas imitar-me-ão na praia.*  
(JOSÉ LUÍS PEIXOTO)

No contexto contemporâneo de infinito estado nascente, ilimitadas formas de expressão e linguagem que emergem as novas gerações em poesia de língua portuguesa, na busca pela experiência de saltar entre as fronteiras temporais e de realidades múltiplas que se desdobram em linguagem poética pujante, reencaminham urgências, experiências e reivindicam novos lugares a partir do contato com o *outro*. Os nomes de Nok Nogueira e Cláudia R. Sampaio figuram como expressões autênticas e poderosas para (re)pensar o lugar da poesia nesse novo tempo de socialidade, nas novas formas de criação e inscrição existencial, metafórica e onírica.

A literatura como agente e expoente das questões mais subjetivas dos indivíduos e do estar no mundo se instala no imaginário criativo como uma espécie de ponte, interligando fenômenos externos e internos, redesenhando movimentos, linguagens e experiências. Com o avanço nas formas de convivência, de escrita e criação nas diversas plataformas midiáticas, o(s) devir(es) em literatura revolucionaram os modos de concepção, apreensão de textos, das relações interpessoais e as trocas entre o criador/criatura/leitor/mundo.

‘Não dizer’ na poesia é transgredir, é buscar novos sentidos para o sem sentido, para o vazio da existência humana. As novas formas poéticas no discurso contemporâneo alargam os espaços e vozes na literatura universal. Nos escritos e contextos de criação do universo lusófono atual se chocam diversas manifestações culturais, poéticas e de subjetivação a partir da língua





comum: o português, que transforma e reaviva a novidade sem desconsiderar o “passado” ou os cânones da tradição em literatura.

Nessa dança de reapropriação, o tempo tem sido o elemento principal para a presentificação dos textos literários no universo virtual e de subjetivação. As trocas afetivas entre sujeitos e comunidades inteiras afetam o ambiente biossocial, causam rupturas, abrem lacunas e reinventam a humanidade e suas formas de comunicação, descentralizando o lugar comum e reavivando novos lugares, novos devires na era contemporânea.

As considerações do ponto de vista teórico e investigativo são a soma dos pensadores e estudiosos lidos e debatidos no decorrer do curso de “Literatura e teoria no século XXI”<sup>2</sup>, ministrado pelo professor, escritor e ensaísta Maurício Vasconcelos, em que, principalmente, as contribuições de Sousa Dias e Achille Mbembe sobre poesia, cultura e transitoriedades, com atenção voltada para questões centrais da vida contemporânea, novos mapeamentos genealógicos são as janelas escancaradas para um olhar verdadeiramente novo no tocante a produção e expansão de cultura, sexualidades, linguagens e poéticas.

A poesia é vasta, como são os poetas de língua portuguesa. Para efeito de análises recolho dois nomes da mais nova geração literária: Nok Nogueira, de Angola e Cláudia R. Sampaio, de Portugal. Ambos em atividade, singulares dentro de suas linguagens e publicados por pequenas editoras portuguesas e ainda não disponíveis no Brasil. O desenho do mapa poético se desdobrará partindo de duas produções dos poetas, respectivamente: a primeira, *As mãos do tempo* (2012) e a segunda *Ver no escuro* (2016).

A poesia, por não ser uma livre associação nem um exercício diário de inspiração, é ela já pura emoção, se distanciando de uma subjetividade

---

<sup>2</sup> Disciplina oferecida pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, no primeiro semestre de 2016, na FFLCH-USP.





---

singular, pessoal, quando ganha voz, olhos e ouvidos através das trocas entre autor e público: o manuseio e o trânsito das poéticas. Esse poder de insurreição que nos encaminha a experiências vastas, outras; também nos insere na materialidade do efêmero, na infinita virtualidade do real. Como adverte Sousa Dias:

Toda a poesia é impessoal. Ela é emoção, não há poesia sem emoção, mas nunca a emoção poética é uma emoção primária, meramente subjectiva. A poesia é vida, mas não porque exprima sentimentos, a poesia que conta não é a mesma que exprime vida mas a que a cria. A emoção fixada no poema é uma sensação criada com palavras, ‘vívuda’ através delas, inexistentes antes ou fora delas. É uma experiência de linguagem, de transcendência emocional pela linguagem, de elevação das emoções pessoais do poeta a um plano emotivo impessoal. (DIAS, 2014, p. 15)

Busco entrelaçar a literatura destes dois poetas que se encontram soltas na temporalidade histórica, porém se unem por invisíveis fios que preenchem lacunas das insólitas subjetividades onde paradoxalmente as águas poéticas desaguam, ao mesmo tempo em que transcendem a ‘essência’ dos signos escolhidos como ponte entre o aqui e o além que faz girar a máquina-mundo nos conduzindo a rotas de fugas, ausências e sombras: um desassossego existencial.

Não me deterei aqui em dicotomias de gênero, ou mais detidamente em questões históricas e particularidades culturais, mas no confronto e aproximação das poéticas no tocante ao subjetivo, ao existencial e as experiências sensoriais enquanto produção escrita em língua portuguesa.





### *As mãos do tempo*

*meu desejo é ainda caminhar por entre caminhos nenhuns  
tal como fazem os loucos.  
(NOK NOGUEIRA)*

O último livro lançado por Nok Nogueira, pseudônimo de Emílio Miguel Casimiro, *As mãos do tempo* (2012), é dividido em cinco partes: Página Primeira: Analogia; Página Segunda: Transversalidade; Página Terceira: Onomatopeia; Página Quarta: Simetria; e Página Quinta: Evocação. Estas partes contêm poemas sem títulos ou pontuações e que sugerem uma continuidade narrativa: uma poesia em prosa e não uma prosa poética propriamente dita, orquestrada pelo tempo não cronológico, um rio que se quer mar, avenidas que criam um novo mundo em distorcidas imagens, em silêncios ensurdecedores. Como observado por Teresa Mateus ao apresentar a obra na sede do Instituto Camões – Centro Cultural Português, em Luanda, no momento de seu lançamento e transcrito por Izaquiel Cori em sua coluna virtual no Cultura, Jornal angolano de Artes e Letras:

A sua narrativa desenrola-se numa permanente solidão de inquieto desassossego. Um lamento profundamente sofrido (...), uma torrente de palavras como o caudal compulsivo de um rio que arrasta consigo sonoridades, imagens, cores, sentidos das coisas e sentido da vida, sentimentos antagónicos em permanente tensão e convulsão, paisagens áridas mas férteis em penúria e indignidade humana, dor, angústia, desespero, mágoa e decepção. (CORI, 2014)

Os mais de 40 poemas que compõem a obra configuram as vivências sóbrias e oníricas, a busca de um sujeito ora corporificado, material; ora abstrato, presente nas coisas da Natureza em união ou dispersão de “eus”. Essa busca é compreendida a partir do sentido da existência, do tempo que





transcorre independente das vontades, a solidão e o silêncio. As contribuições teóricas de Achille Mbembe (2014) para uma leitura conectada e mais direcionada da poética de Nok Nogueira nos levam ao sentido mais amplo de um possível devir-negro no mundo globalizado, dentro do lugar comum no pensamento hegemônico do ocidente.

Mbembe apresenta uma revolução nos modos de recepção do negro pelo próprio negro nos domínios culturais para além do território africano, a desessencialização nos discursos de supremacia racial com o advento da globalização que encerra o sujeito em algo plástico, “coisificado”, em humanidade subordinada à máquina capitalista mercadológica. Nesse novo universo que se apresenta, o racismo ganha novas tonalidades e os negros adotam novas posturas para driblar estereótipos e romper fronteiras entre negros em África e negros em diáspora.

O poeta Nok Nogueira adota uma linguagem universalizante, uma postura estética de escrita que conjuga particularidades de um sujeito que é também todo o povo angolano, mas que está dentro do universo, do agora e para além-mundo: ser do tempo e do espaço, ser contemporâneo.

*chamo-me rio e vou por entre as encostas das tuas avenidas à  
procura de uma barca  
que me leve além-fronteiras por aí além dos arquipélagos e  
traga para além da  
noção das palavras o que delas nada possamos colher diante do  
sentido das mãos  
pois até ontem nome nenhum tive que me identificasse dos  
demais e fui andando  
por aí além rasgando o ventre da terra menstruada de sangue  
do vermelho terra  
do barro roubando a virgindade aos espaços inquietos na  
inquietação da natureza  
amedrontados pelos precipícios de uma viagem tortuosa e  
agreste  
debelando rochas e rochedos alimentado pelas chuvas e  
sustentando*





---

*homens e mulheres que em mim colhiam o mais fino tecido que  
encobria suas sedes  
nem sempre de água outras vezes de um caminho no qual  
pudessem afogar  
seus corpos e colher a fronteira do desejo com que se perdiam  
em meus lençóis por dias inteiros por entre o saciar de uma sede  
mais ingente  
que a sede de água e vou eu como ninguém sem nada que me  
pudesse impedir  
de caminhar antes pelo contrário dou encontro com o mar com  
quem me caso  
mas quem me vê sabe que ali estou eu e lá mais adiante está o  
mar e onde suposta  
mente está o mar e eu é simples mente foz e não rio  
(NOGUEIRA, 2012, p. 42)*

*As mãos do tempo* – título emblemático que carrega as metáforas que iluminam leituras e os passos desse sujeito atormentado que vaga sem razão e solitário por entre os “versos em prosa” desse grande poema épico de Nok Nogueira. O poema transcrito integralmente acima, exatamente como nas páginas do livro, cria fortes imagens das metamorfoses que o sujeito(s) poético sofre e se arrastam por todos os poemas que compõem essa obra.

Uma união de dessemelhantes e dessemelhanças, pois que o poeta recolhe signos e imagens que sugerem um casamento, mas não em moldes habituais, convencionais. Parece mais uma reunião do que propriamente união, apesar das infinitas possibilidades de combinações que o termo casamento carrega. Famílias são erguidas por vínculos sanguíneos, afetivos e laços são estreitados entre desconhecidos em busca de um sentido ausente e por vezes esvaziado.

Quando este rio encontra o mar, reinventa o eu, sugere também os descaminhos que estas passagens indicam: uma transmutação. O “homem” aí não mais como um produto do mundo globalizado, mas como um produtor de hibridismos, nascente e foz de si e para si, um corpo poético que é, por consequência, matéria humana, física.





No rio que é a voz a percorrer avenidas, *a tua avenida* que pode ser o lar, o *outro*, a nação, nessa busca incessante de percorrer sentidos, de encontrar um cais. Na foz que não é rio, na corrente que ganha velocidade quando em contato com o grande mar que se abre frente aos olhares agudos do poeta e dos milhões de seres que dele nascem e outros tantos que nele se refletem.

O encontro de dois mundos dispersos na essência e aproximados na existência em que não é possível mais ignorar, apagar as marcas do *outro*. O presente que projeta transições e instaura proposições para uma humanidade em caos: a morte constante das coisas e a abertura para novos mundos, novos devires a partir da reconstituição de uma nação a sangrar, da terra em eterna gestação e dessa ausência que é a presentificação das vidas perdidas e de tudo o que ainda não veio.

### ***Ver no escuro***

*Que a minha verdade me seja entregue por quem  
me entrar ao infinito:  
ninguém.*  
(CLÁUDIA R. SAMPAIO)

No texto teórico *Júbilo do mundo* (2013), Maurício Vasconcelos apresenta o lugar da poesia no universo contemporâneo a partir da forma poética inovadora e atual de Herberto Helder, entrelaçando suas proposições intelectuais com outros estudiosos das Humanidades. Neste ensaio, Vasconcelos questiona o estado nascente das coisas terrenas, a espacialidade no meio virtual, o efêmero que engendra as infinitas formas de linguagem, saberes e nos conduz a uma autenticidade partilhada, não totalizante no devirmundo. As questões levantadas pelo estudioso enriquecem o olhar lançado aos poemas de Cláudia R. Sampaio.







Nas palavras da poeta: “Ter duas pernas é limitador/ quando se vomita o mundo.” (2016, p. 49). Pedro Mexia adverte na apresentação da obra *Ver no escuro* (2016): “o que arde também cura”, pois que tudo depende da dose, o remédio só causa efeito desse modo. A linha invisível que nos derruba e levanta se configura como esse deslocamento entre vida/amor/dor/morte: um renascimento constante.

Reavivar a memória, ou ainda, a partir dela desenhar novas imagens, lançar mão da experiência do olhar que se desdobra em linguagem poética, o inaudito, o insólito, o desassossego pela palavra. *Ver no escuro* como sugere o título dessa obra e que reaparece com certa frequência em outras produções da poeta: a escuridão como forma de enxergar o mundo e as aflições que dele derivam com maior clareza.

Ascendem-me das mãos as ruas  
em que não sei viver  
arrependi-me de ter um nome e  
tenho um pé ateadado em montanhas  
muito altas  
e outro em crepúsculo  
Tentei encontrar por entre a saliva dos  
hábitos uma forma de me manter humana  
e reescrita  
sempre em dança radioactiva de violenta  
pulsão

A minha cabeça redonda tem todos  
os ângulos de um céu cansado  
e muitos dedos que cavam a terra  
mas não a explicam  
A minha cabeça balança e naufraga,  
devagar, em coices súbitos de obstinada  
existência  
E eu amo em fins e com as pernas tão imensas  
esquecidas em pranto  
em clareira lúcida  
e vou existindo de mansinho, como uma  
espada erguida,  
como uma garganta afiada que aprendeu  
a cortar (SAMPAIO, 2016, p. 23)





---

Cláudia R. Sampaio com um olhar agudo adentra por terrenos fugidios e salta bruscamente por entre eles, ora em meio à luz, ora em meio à escuridão. Esse olho que enxerga para além do aparente é a ponte para o mergulho profundo nas chamas interiores, nesse fogo posto que arde cá dentro e que desnorreia nossos sentidos, forjando novas percepções, inundando de vida o cotidiano cinza ou ainda uma poética aflita em cor de sangue fresco.

As constatações do sujeito poético que aparecem no poema supracitado nos encaminham para um desfecho desolador em que a crueza das coisas que ferem se instauram no corpo físico do ser afetado pelos acontecimentos abstratos descritos. Apesar dos signos carregarem uma desesperança latente, este sujeito se move à procura de rotas de fuga por se saber finito, efêmero. Reencaminhando as urgências imediatas a lugares outros que habitam no mesmo corpo físico e o transcendem.

É na cabeça da voz que entoa os versos que tudo se desenrola na ausência de suportes que clarifiquem esse esvaziamento latente, essa busca desesperada por um sentido mais humano, de uma vida menos pesada, de emoções menos exigentes e de uma paixão que a arrebate do lugar comum em que se encontra.

Este livro não possui subdivisões e os textos não tem título: uma marca da poética de Cláudia R. Sampaio. A voltagem de alguns poemas de *Ver no escuro* nos conduz para uma linguagem altamente erótica, pois que é a partir da paixão consumada que o sujeito se nasce para o mundo e para todas as paixões que o fazem sentir vivo, pulsante. Há também sempre uma ponta de desilusão bem ao gosto do humano que não admite transitar por caminhos que não sejam por vias de isolamento, dor e renúncias, nos conduzindo por devires inelutáveis, como afirma a poeta em entrevista publicada no Brasil, na Revista Abril (nº 17), da Universidade Federal Fluminense:





---

Escrever é ser solidão. Pode ser tão perigoso como estar à beira de um precipício. O leitor deveria apenas ter a noção desse perigo, dessa urgência de vertigem que faz mover a caneta. Por isso, que leia não com os olhos mas com a vida toda, com a fome, com o invisível. Só assim poderá ter o estremeamento necessário ao entendimento do que está para além da palavra, e ser também ele poema. (BATISTA & NÓBREGA, 2017)

## Do particular ao planetário

*Ali está o Além-tempo  
essência do maravilhoso silêncio  
florescendo no espaço  
de um amor inominável  
refletido na luz do incomensurável.  
(Marcelo Ariel)*

Os poetas contemporâneos Nok Nogueira (Angola) e Cláudia R. Sampaio (Portugal) transitam pelas turvas águas da globalidade planetária em seus universos distintos e subjetivos, mergulham em mares solitários e silenciosos ao mesmo tempo que agitados, atentos aos mínimos movimentos poéticos: a simplicidade do cotidiano adornado pelo sabor da linguagem literária, das cores todas em dança refletidas por dentro de cada imagem criada.

Terra, sangue, fluídos se fundem nas figuras representadas por estes olhares agudos, desesperados, olhos que enxergam para além do aparente. As aproximações e distanciamentos presentes nos versos destes jovens autores são transcritas abaixo com a mesma estrutura dos livros: ele em prosa que é poesia, ela em verso.

trago tempo resumido de estações vestidas de vento e de um limite cujas  
mãos em repetidos gestos ateam lágrimas aos espaços lúgubres da cidade  
e adormeço quase em morte declarada quase em anúncio de velório





---

no chão de tua dor partilhando do suor de teu mago olhar  
apenas como um  
simples pretexto para que mais perto de ti consiga ainda estar  
trazendo à luz da ribalta a avenida desacordada nunca  
adormecida  
por este cálice inventado de corpo e sangue de um ressuscitado  
amor  
por conta de todos os pecados que nem sequer cometi  
palavras ressurgidas de um instante de induzido paleio para que  
o amanhã  
se nos volte a assemelhar à viagem sem volta e acharmos  
porque cantamos  
enquanto oferecemos às mãos as linhas tecidas pelo tempo que  
refaz a voz (NOGUEIRA, 2012, p. 49)

\*\*\*

Vou escrevendo a minha verdade  
sem que nela reparem  
sem que dela saiam salvaçãoes ou cânticos

A minha verdade é calma, invisível  
e mesmo que seja o candelabro aceso  
é o que me afasta dos outros

Vou rolando alma fora como um Sísifo inconformado  
Vou-me roendo os lugares, como eremita findo

Quero nada querer para me querer a mim  
tão mais ao alto  
para chegar sempre no preciso instante em  
que caem as pontes

Onde estão os Poetas que morrem a cada verso?

Hei-de morrer como um todo, nunca por partes.  
Mas antes quero o amanhecer na boca e a  
Humanidade limpa  
Antes, quero caminhar erguida como uma  
árvore cheia de pássaros  
Antes, quero amar,  
se possível em ricochete (SAMPAIO, 2016, p. 73)

Para Sousa Dias “a poesia violenta a linguagem”, se diz e se materializa através do silêncio poético. Os signos não são nunca só o que aparentam ou se fecham em definições de dicionários. Eles extrapolam os limites da linguagem verbal e adentram pelos terrenos sensoriais e





metafóricos. Os dois poemas recolhidos e transcritos acima, erguem as pontes sobre o rio imenso que os separa e criam um mote capaz de conjugar particularidades ao mesmo tempo em que mantêm o teor original que inaugura novas formas de fazer poesia em língua portuguesa.

As potentes pulsões, os choques a que somos expostos como leitores ao estabelecer contato com a poesia de Nok e Cláudia nos torna, de certa maneira, íntimos desconhecidos das angústias e dores coletivas de que tratam os poetas: o tempo, a voz, a verdade do modo como é compreendida pelo “eu” de cada texto, nessas experiências interiores que desaguam na vida comum de cada ser vivente: questões de teor existencial e coletivo.

É no presente que se insinuam as vontades, os desejos dessas vozes que já não se bastam, que já não querem estar no mesmo lugar conhecido. Nessa sede de paixão, no desassossego poético que aproxima os poetas, vislumbramos no tempo obscurecido a força das mudanças processadas em metáforas, seres oníricos se erguem na esteira da “verdade”, aquela que não sabemos, que não reconhecemos e que talvez não exista.

Nesse tempo que aqui está e sempre esteve, pois que se atualiza dentro do agora e a todo instante, a voz se ergue e se refaz, o amor que é também a vida e seus percalços passeia em ricochete em busca de uma humanidade limpa e de um espaço cheio de pássaros (os mensageiros de boas-novas). E nesse ponto recomeçamos como os poetas que morrem a cada verso e que reestrem suas próprias existências sempre que confrontados com a crueza do real, numa infinita metamorfose.

Ao atravessarmos por essas invisíveis pontes, nos deparamos com o abismo nosso, lugar comum, mergulho nas sombras e a possibilidade de renovação. Os sujeitos e seus desejos de redenção pela dor, pelo desassossego, pela eterna busca das coisas intangíveis. O barulho dessa potente voz que é a poesia em todo seu esplendor, no silêncio que nos





atravessa, refaz e transborda de luz e som os caminhos abertos pelas correntes de sangue e vento nas bordas do tempo implacável.

### Referências

- BATISTA, Adriane Figueira & NÓBREGA, Bruna Del Valle de. **“Ter duas pernas é limitador quando se / vomita o mundo”**: entrevista com **Cláudia R. Sampaio**. In: Revista Abril, nº 17 – 2017, Niterói, p. 139-142.
- CORI, Isaquiel. **A nova proposta poética de Nok Nogueira: Quando as mãos tecem o tempo da existência**. Disponível em: <http://jornalcultura.sapo.pt/letras/a-nova-proposta-poetica-de-nok-nogueira-quando-as-maos-tecem-o-tempo-da-existencia>>. Acessado em novembro de 2016 (publicado em outubro 2014).
- DIAS, Sousa. **O que é poesia**. Lisboa: Documenta, 2014.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.
- NOGUEIRA, Nok. **As mãos do tempo**. Vila Nova de Cerveira: NósSomos, 2012.
- SAMPAIO, Cláudia R. **Ver no escuro**. Lisboa: Tinta da China, 2016.
- VASCONCELOS, Maurício. **Júbilo do mundo**. In: Revista Intervalo, nº 6 – 2013, Lisboa: Pianola/Vendaval, p. 83-98.

